

# A PELE DO DIABO: AS DIFERENÇAS SOCIAIS, AS DIFICULDADES NA BUSCA DA IGUALDADE E A PROCURA DO CAMINHO DA FELICIDADE

LARA VIDEIRA

MEAF – Universidade do Porto.

A luta contra o racismo, as diferenças sociais e a constante procura da felicidade são questões contínuas na história da humanidade, logo são, naturalmente, objeto de reflexão na literatura e nas artes em geral. O que aqui pretendemos apresentar é um breve estudo destes três temas na obra *A pele do diabo* do autor Manuel dos Santos Lima.

*A pele do diabo* é uma peça de teatro com três atos e dezassete personagens. A ação decorre em 1970, em St. Louis, e centra-se na vida de Jim Blackman, um jovem negro que retorna à América depois de combater na guerra do Vietname. Ao regressar ao seu país, Jim depara-se com a enorme barreira racial que decreta inúmeras limitações e que, consequencialmente, atribui ao homem negro americano um estatuto menor e uma condição de, como o autor referiu na introdução à obra, sub-homem. A barreira racial apresenta-se como a demarcação de uma fronteira social entre os homens americanos. Por isso, o reencontro com esta é, para Jim, uma decepção que conduz ao desencanto pela pátria e pela vida. Para penetrar nesta fronteira, Jim oferece-se como cobaia para um processo experimental que procura branquear a pele dos negros. Este método é apresentado como o meio de eliminação das diferenças raciais na América. Porém, como poderemos ver mais à frente, é também um processo de anulação e supressão de uma identidade. Assim, podemos compreender que toda a peça versa sobre a questão da diferença, primeiramente, racial, mas também social.

Desde o início, citando Dubois – «Après tout, que suis-je? Suis-je un américain ou suis-je un Noir? Et puis-je être les deux à la fois? Mon devoir est-il de cesser d'être Noir

pour être américain?» –, a obra impele o leitor a refletir sobre a identidade de cada cidadão, assim como sobre os problemas das desigualdades raciais e sociais. É de realçar a presença desta citação, uma vez que convoca o próprio autor Dubois, o pai do pan-africanismo. Dubois foi um sociólogo com um papel extremamente ativo na defesa da justiça e da igualdade ráticas. Deste modo a sua referência automaticamente alerta o leitor para os temas que serão tratados na obra.

O espetador da peça é, ainda, interpelado e convidado a refletir sobre a identidade e as desigualdades sociais a partir da intervenção de Peter, um artista amigo de Jim, que lhe oferece como presente de aniversário uma máscara branca com as feições do protagonista. Após a saída de cena de Jim, Peter, criando uma interrupção que nos recorda o distanciamento típico do teatro brechtiano, comenta: «Não te ofereci um presente Jim, pus-te um problema: pode-se ser negro e ser americano sem usar uma máscara?»<sup>1</sup>. Assim, os conceitos de negro e de americano, ao invés de se apresentarem complementares, são expostos em realidades distintas como dicotómicos. É necessário realçar a importância da identidade de Peter: este é um artista sul-africano o que, conseqüentemente, conduz o leitor/espetador a criar uma associação entre a sociedade americana e a sociedade da África do Sul. Da mesma forma que, nesta época, a sociedade da África do Sul é dominada por um regime de *apartheid*, a sociedade americana apresenta uma segregação que distingue americanos brancos de negros. Comparativamente ao homem branco americano, o homem negro americano é considerado um homem menor sem as mesmas habilidades ou os mesmos direitos.

Ao regressar à América, a primeira dificuldade com que Jim se depara é a impossibilidade de encontrar emprego. O protagonista procura trabalho tentando ultrapassar a fronteira racial, contudo sempre que realiza uma tentativa encontra um guarda branco que o impede. Assim, a única possibilidade ao seu alcance é gritar para o outro lado da barreira e receber como resposta a voz vinda de um altifalante informando que não existem vagas. Derrotado pela impossibilidade de conseguir emprego, Jim aguarda a resposta do pai de Peck como última esperança. Durante a guerra Jim salvara a vida de Peck, todavia a resposta ao pedido de emprego será negativa e justificada pela cor da pele de Jim. Em vez deste, o pai de Peck contratará um homem branco que ficou paralisado na guerra.

A revolta de Jim é perceptível e, numa conversa em que Jack procura apaziguá-lo e comparar de modo igualitário o sofrimento dos brancos e dos negros na guerra, o protagonista afirma:

*Fazem o mesmo serviço mas não é a mesma coisa. Se um negro e um branco, ambos sem uma perna forem procurar emprego, ao negro dizem-lhe: «És negro e falta-te uma perna»; ao branco responderão: «Falta-te uma perna mas és um branco»<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup> LIMA, 1997: 9.

<sup>2</sup> LIMA, 1997: 18.

Deste modo, é de novo evidenciada a diferença de olhares da sociedade perante a cor de cada homem. Enquanto, na resposta dirigida ao homem negro, a conjunção coordenativa aditiva «e», como o nome indica, associa dois obstáculos à contratação; na resposta ao homem branco, a conjunção coordenativa adversativa «mas» apresenta uma salvaguarda. O homem branco pode não ter uma perna, mas a sua cor permanece um fator favorável. Diante da diferença na estrutura física e na cor de pele, o preconceito prevalece sobre a diferença epidérmica.

Se o racismo e as desigualdades sociais revoltam Jim, as vivências de guerra marcam a sua vida e aumentam a repulsa pela sociedade. A indignação do protagonista amplifica-se com as recordações que, aparentemente, apresentam uma imagem de maior fraternidade entre homens americanos, mas que, após alguma deliberação numa discussão, revelam momentos tão racistas como os que vive no presente. No combate contra um inimigo comum, a necessidade de proteção e as dificuldades criaram um certo companheirismo entre brancos e negros, porém o racismo não foi totalmente eliminado visto que a guerra originou um meio onde facilmente se desculpabilizam mortes de homens negros provocadas por brancos, tal como é o caso da morte de Danny. Para além disso, se os negros americanos eram enviados para combater no Vietnã pela sua pátria e o faziam na esperança de encontrar uma sociedade melhor que os aceitasse como eram, quando regressam depararam-se com as mesmas dificuldades de antes. Os seus esforços na guerra são totalmente ignorados e esquecidos. Num momento eram essenciais para lutar pela pátria, no outro são um resíduo incómodo.

Traumatizado pela guerra, revoltado com a sociedade e indignado com os próprios atos que realizou em combate, Jim altera de tal modo a sua postura que a mãe confessa a Rose: «O Jimmy está muito modificado; tem o coração cheio de ódio. Eu pensava que o Vietnã ficava no fim do mundo e afinal o meu filho trouxe-me esse maldito país cá para casa»<sup>3</sup>.

A ausência do uso de uma arma provoca em Jim o sentimento de incompletude. Destituído de parte de si e enfurecido perante as injustiças da sociedade, Jim não pode aceitar manifestações pacíficas e sem violência. Finalmente, a dimensão dos traumas da guerra é totalmente exposta com o assassinato de Rose. Descontrolado com os ciúmes e a raiva dos brancos, Jim mata Rose sem sequer ter plena consciência de o ter feito. Quando compreende a extensão dos seus atos, entra em desespero. Receando a polícia, o protagonista prepara-se para aceitar ser cobaia do processo experimental do Dr. Sam Crow, que, oportunamente, surge para lhe oferecer o seu método de branqueamento da cor da pele como meio de escape à condenação.

O cientista ordena a Jim que regresse a casa e que no dia seguinte se encontre com ele para iniciar o processo de branqueamento. Nessa noite, dá-se uma discussão entre Jim,

---

<sup>3</sup> LIMA, 1997: 14.

Jack e Pantera Negra. Nesta é possível analisar três perspetivas diferentes da visão que os negros americanos possuíam da América. Enquanto Pantera Negra considera que os negros americanos são «africanos postos à força na América»<sup>4</sup>, Jack defende que a sua nacionalidade é americana e que, tal como os brancos americanos, os negros aí nascidos também pertencem à América. Com isto, Pantera Negra admite que os negros americanos só são aceites em África se se fizerem acompanhar do dólar americano o que revela que, de certo modo, os negros americanos não se conseguem enquadrar completamente em nenhum local. Jack conclui que a África sonhada pelos negros americanos é uma utopia, um sonho distante, carregado de simbolismo e da ideia de um local em que se integram na totalidade. Deste modo, por um lado, Pantera Negra simboliza o grupo revolucionário homónimo que surgiu na América nos anos 60 e, por outro lado, Jack representa aqueles que defendem a integração e a revolução social sem violência. No meio de tudo isto, no limbo da indefinição, está Jim que apenas quer alcançar a liberdade e a felicidade, mas que recusa, nas suas palavras, «toda e qualquer etiqueta»<sup>5</sup>. É neste sentido que Jim, preferindo não lutar, de um modo ou de outro, pelos direitos dos negros decide aceitar a proposta do Dr. Sam Crow.

É significativo o nome do Dr. Sam Crow, uma vez que o seu apelido, corvo, é o nome de um animal comumente associado à morte e ao diabo. Neste sentido, é Sam Crow que encarna o papel de diabo a quem Jim vende a alma. Para Sam Crow, os negros americanos são um «erro da natureza»<sup>6</sup>, «um vírus no corpo dos Estados Unidos»<sup>7</sup>, por esse motivo declara o seu método experimental como o meio de eliminação das desigualdades raciais e de correção da natureza.

Para o leitor atento, o título *A pele do diabo* pode recordar o nome do conto popular recolhido por Charles Perrault, *Pele-de-Burro*, sugerindo assim a ideia de ilusão. De facto, esta ilusão de ser outro é concretizada na obra do autor Santos Lima a partir do processo de branqueamento da pele de Jim Blackman que o transforma em Jim Whiteman. Todavia, como este processo apenas altera a cor da pele, Jim ficará dividido entre dois homens que se anulam.

Assim como em *O médico e o monstro* de Robert Louis Stevenson, *A pele do diabo* implica a transformação do eu num outro e a correspondente anulação do primeiro eu. Se, na primeira obra, mister Hyde invalida e combate todos os ideais de doutor Jekyll, n' *A pele do diabo*, todo o desejo de luta pela igualdade racial de Blackman passa a alienação em Whiteman. Ao transformar Jim num homem branco dá-se um desdobramento da personagem. Jim Blackman e Jim Whiteman são pessoas diferentes vivendo e sendo julgadas de formas distintas pela sociedade. A única ligação entre estes dois homens é uma relação metafísica, isto é, um conhecimento geral e abstrato que num determinado momento os supõe

<sup>4</sup> LIMA, 1997: 37.

<sup>5</sup> LIMA, 1997: 37.

<sup>6</sup> LIMA, 1997: 28.

<sup>7</sup> LIMA, 1997: 29.

iguais. Porém, esta igualdade é inexistente uma vez que, ao tornar-se branco, Jim Blackman é eliminado e substituído por Jim Whiteman. Este segundo Jim comportar-se-á de forma totalmente diferente de Jim Blackman e abandonará todas as interrogações e angústias do primeiro. Whiteman viverá uma vida que Blackman nunca teria possibilidade de viver, já que a sociedade não lhe daria essa oportunidade. A cor da pele do protagonista sentencia a sua vida e distancia um Jim de outro. A máscara branca do rosto de Jim que Peter lhe ofereceu era, assim, o primeiro prenúncio da reflexão que será totalmente desvelada com a aceitação de Jim como cobaia da experiência: tornar-se branco permite ao homem negro atingir o que deseja?

Será o terceiro ato que procurará responder a esta questão, sendo, desde logo, simbólico o seu nome: «Requiem». Estamos, por isso, perante um canto aos mortos, um hino ao descanso, inicialmente dirigido a Jim Blackman, mas que terminará como um momento destinado a Jim Whiteman, aos negros americano e a todos os brancos.

Jim Whiteman, um homem que atingiu o sucesso através do casamento com a filha de um político, é considerado por todos uma pessoa estranha. Procurando encontrar a felicidade, Whiteman segue o conselho da sua secretária e decide distribuir bombons pelos meninos pobres na esperança de encontrar a felicidade ao ver os seus sorrisos. Neste percurso, dirige-se ao bar «Destino», que devido ao seu nome se torna automaticamente sugestivo e detentor da atenção do leitor/espetador, e começa uma conversa com o *barman*. Apesar de recordar o tom de voz e os gestos que Whiteman utiliza, o *barman* não consegue reconhecê-lo e, por isso, Whiteman diz-lhe que costumava acompanhar Jim Blackman. Passam então a falar dele e o *barman* declara que tinha grandes esperanças depositadas em Jim, pois era um magnífico trompetista. Whiteman fica surpreendido e confessa que se encontra no bar à procura dele. Mais tarde, num devaneio em que imagina Blackman conversando à sua frente, perceberemos que esta busca é uma constante na vida de Whiteman. Neste diálogo entre Blackman e Whiteman, o primeiro revela que conseguiu vencer na vida graças à persistência e ao amor de Rose. Estamos perante uma ilusão em que Whiteman imagina como poderia ter sido a sua vida enquanto Jim Blackman, caso nada tivesse acontecido naquela noite fatal em que assassinou Rose. Neste sentido, Whiteman questiona Jim sobre a forma como conseguiu vencer e ser feliz mesmo sendo um homem negro e este responde-lhe dizendo: «Não se vence como negro ou como branco, mas sim como homem...»<sup>8</sup>. A partir destas palavras, de imediato o leitor/espetador recorda algumas das falas entre Jim e Jack nas quais este último, a propósito daquilo que o pai de Jim lhe ensinou, diz: «melhor e mais difícil que ser negro ou ser branco, é ser Homem»<sup>9</sup>. Assim, a peça procura orientar o pensamento do leitor/espetador para a ideia de que a felicidade não está na cor da pele do homem mas nos seus valores e ações.

<sup>8</sup> LIMA, 1997: 49.

<sup>9</sup> LIMA, 1997: 18.

Após ser questionado por Blackman sobre a sua felicidade, Whiteman confessa que a riqueza e a importância em nada são relevantes e, por isso, define-se como «Eu não sou eu mas uma sombra perdida num teatro de fantasmas»<sup>10</sup>. Neste sentido não é só o preconceito dos homens brancos contra a vida dos homens negros que é anulado, mas também o preconceito dos homens negros que encaram a vida dos homens brancos como mais fácil e sempre com acesso rápido à felicidade. Afinal, a felicidade não tem fórmula e cabe a cada homem procurá-la vivendo do melhor jeito possível. Estamos perante o típico sonho americano no qual a felicidade está próxima mas distante, porque se almeja sempre algo mais. Neste ponto, *A pele do diabo* assemelha-se à obra *Death of a salesman*, de Arthur Miller, na qual Willy Loman, um homem que anseia pelo sucesso e a todos o aparenta ter, é na verdade um fracassado que se suicida. A obra termina com um diálogo entre a esposa de Willy e Charles que dizem:

*Linda: I can't understand it. At this time especially. First time in thirty-five years we were just about free and clear. He only needed a little salary. He was even finished with the dentist.*

*Charley: No men only needs a little salary*<sup>11</sup>.

Este diálogo expressa a ambição do homem que se sente fracassado mesmo quando tem tudo o que necessita ao seu redor. Isto foi também o que aconteceu com Jim Blackman e, de certo modo, com Jim Whiteman. Blackman desejava viver como os brancos e Whiteman, atingindo esse desejo, procurava ininterruptamente a felicidade sem perceber que aquilo que o podia fazer feliz era exatamente o que Blackman renegou. Talvez, por isso, surja o receio de Jim Whiteman perante espelhos. Um temor tão significativo que os seus funcionários consideram ser uma fobia. Ao recusar olhar-se ao espelho, Whiteman rejeita a sua identidade de homem branco e, por consequência, renuncia a si próprio da mesma forma que Blackman renunciou.

Como todos os que vendem a alma, em determinado momento, a vida de Whiteman termina com a presença da morte. Esta surge primeiro disfarçada de vendedora de flores para, à medida que se aproxima de Whiteman, se tornar Rose. Deste modo, enquanto a vendedora de flores simboliza o desejo pela vida, Rose representa os sonhos de Jim que, depois de uma vida de deambulação, finalmente se revelam como a solução.

A peça termina com todos reunidos ao redor da sepultura de Jim, enquanto Pantera Negra faz um último louvor ao protagonista. Neste adeus, Pantera Negra promete continuar a lutar por um futuro no qual os homens negros se recusam «a chorar ou a mudar de pele»<sup>12</sup>. Desta forma, acorrentados pelo preconceito, os negros americanos ainda tinham/têm muito que percorrer para alcançar a igualdade. Jim Blackman morre para que Whi-

<sup>10</sup> LIMA, 1997: 51.

<sup>11</sup> MILLER, 1971: 97.

<sup>12</sup> LIMA, 1977: 66.

teman nasça e, todavia, permanece na mente deste como se fosse uma constante. Por isso, só quando Whiteman expira é que realmente Blackman desaparece. O falecimento de Blackman conduz à eliminação de um pouco de cada negro, na medida em que os obriga a abandonar a passividade para procurar a revolução social munidos da certeza de quererem ser como são. Com isto, o «Requiem» já não é exclusivamente dedicado a Blackman ou aos homens negros, mas também aos homens brancos ou pelo menos à ideia de seres superiores e inatingíveis que muitos negros imaginavam. No final, todos são iguais e todos têm que percorrer um caminho próprio para alcançar a felicidade.

*A pele do diabo* retrata as desigualdades raciais americanas que conduzem às desigualdades sociais. Contudo, mais que isso, a obra revela-se atual na medida em que estas desigualdades sociais, se não existissem, poderiam ser substituídas por outras, mantendo-se a relevância da obra. Mais do que um hino ao homem negro americano, esta peça é um elogio à identidade e autenticidade de cada homem nas suas especificidades. Refletindo sobre temas subliminares como os traumas de guerra e questionando o leitor sobre a vida e a felicidade não só do homem negro, mas também do homem branco, *A pele do diabo* aproxima-se das outras obras do autor que, continuamente, revelam a preocupação de apresentar a visão dos dois lados do confronto: o branco e o negro. Apesar de ser claro que o homem negro é injustiçado, o homem branco não é apresentado unicamente como o déspota superior que tudo tem ao seu alcance. A posição do homem branco é também explorada e, por vezes, é possível compreender que ele é igualmente um mero peão no tabuleiro da sociedade. Assim, muito mais do que a condenação de um determinado grupo de homens, as obras do autor Manuel dos Santos Lima são a análise da sociedade no seu todo revelando que ninguém é totalmente culpado ou totalmente inocente, mas todos são consequência de um conjunto de atos a que a sociedade e os receios de cada um os conduziram. Cabe a cada homem decidir se se submete ou se procura traçar um novo caminho.

## Bibliografia

- LIMA, Manuel dos Santos (1977) – *A pele do diabo*. Lisboa: África Editora.  
 MILLER, Arthur (1971) – *Death of a salesman* (1949). London: Heinemann Educational Books.  
 STEVENSON, Robert Louis (2010) – *O médico e o monstro*. Lisboa: Quidnovi.  
 PERRAULT, Charles (1977) – *Contos*. Lisboa: Editorial Estampa.

